

## EXPRESSÕES POPULARES COMO “TÁ CAGANDO OU TÁ MIJANDO” E “TÁ DANDO OU TÁ COMENDO”

**Ricardo Santos David**

USP - Universidade de São Paulo.

<http://lattes.cnpq.br/8508122200950572>

<https://orcid.org/0000-0001-5850-0057>

E-mail: [ricardosdavid@hotmail.com.br](mailto:ricardosdavid@hotmail.com.br)

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-72>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma análise crítica da dicotomia presente no cotidiano e sua influência nas diversas áreas do conhecimento. Através de expressões populares como “tá cagando ou tá mijando” e “tá dando ou tá comendo,” o artigo destaca a necessidade de fazer escolhas entre duas opções distintas, refletindo uma visão simplista do mundo. Argumenta-se que a dicotomia não se limita a escolhas simples, mas permeia diversas áreas, desafiando visões tradicionais. Exemplos na antropologia, economia e educação demonstram como a complexidade vai além da dicotomia, exigindo uma análise mais matizada. O objetivo central do artigo foi realizar uma análise crítica da dicotomia, explorando como ela se manifesta no cotidiano por meio de expressões populares. Além disso, busca-se compreender as complexidades e nuances ocultas por essas expressões. A revisão da literatura recente oferece uma visão mais matizada da dicotomia, indo além da simples oposição binária, e destaca seu valor como ferramenta para compreender a complexidade presente nos fenômenos que nos cercam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dicotomia. Expressões Populares. Complexidade.

### POPULAR EXPRESSIONS SUCH AS “TÁ CAGANDO OU TÁ MIJANDO” AND “TÁ DANDO OU TÁ COMENDO”

**ABSTRACT:** This article proposes a critical analysis of the everyday dichotomy and its influence in various areas of knowledge. Through popular expressions such as “tá cagando ou tá mijando” and “tá dando ou tá comendo”, the article highlights the need to make choices between two distinct options, reflecting a simplistic view of the world. It is argued that dichotomy is not limited to simple choices but permeates various areas, challenging traditional views. Examples in anthropology, economics, and education demonstrate how complexity goes beyond dichotomy, requiring a more nuanced analysis. The central goal of the article was to conduct a critical analysis of dichotomy, exploring how it manifests in everyday life through popular expressions. Additionally, it seeks to understand the complexities and nuances hidden by these expressions. A review of recent literature provides a more nuanced view of dichotomy, going beyond simple binary opposition, and underscores its value as a tool for comprehending the complexity present in the phenomena that surround us.

**KEYWORDS:** Dichotomy. Popular Expressions. Complexity.

## INTRODUÇÃO

No cotidiano, é comum nos depararmos com expressões que delineiam uma visão dicotômica do mundo, algumas delas sendo “tá cagando ou tá mijando”, “tá dando ou tá comendo” que ilustra a necessidade de fazer uma escolha clara entre duas opções distintas. Essa visão, muitas vezes simplista, permeia diversas áreas da vida humana, desde decisões triviais até complexas análises científicas. A dicotomia, enquanto conceito, tem sido objeto de estudo e crítica em diversas áreas do conhecimento, servindo como uma lente através da qual podemos analisar e compreender fenômenos complexos (SOUSA, 2024).

No campo da antropologia, por exemplo, Sousa (2024) explora a dicotomia casa/roçado através das perspectivas das crianças Capuxu, revelando uma visão mais tríplice que inclui casas, estradas e cercados, desafiando assim a visão dicotômica tradicional. Da mesma forma, no campo da economia, as disputas entre visões ortodoxas e heterodoxas refletem uma complexidade que vai além de uma simples dicotomia, apresentando uma gama de nuances e matizes que refletem a multifacetada natureza da economia contemporânea (MARQUES, 2024).

A educação e a formação profissional também têm navegado pelas águas da dicotomia, especialmente no contexto da indústria do vestuário no nordeste catarinense. A transição do aprendizado informal para o ensino profissionalizante reflete uma evolução que busca equilibrar a necessidade de habilidades técnicas especializadas com uma educação mais holística e humanizada (RIFFEL et al., 2023).

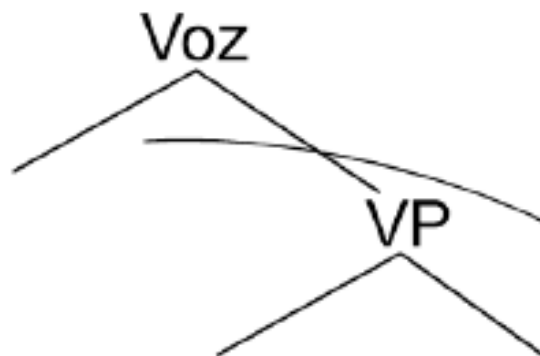
Este artigo, tem como objetivo, propor uma análise crítica da dicotomia, explorando como ela se manifesta no cotidiano através de expressões populares, e buscando compreender as complexidades e nuances que essas expressões podem ocultar. Através de uma revisão da literatura recente, pretende-se oferecer uma visão mais matizada da dicotomia, que vai além da simples oposição binária, e que pode servir como uma ferramenta valiosa para a compreensão da complexidade inerente aos fenômenos que nos cercam.

## TEÓRICO X LINGUÍSTICA

A partir do estudo de dados, pode-se confrontar dois modelos alternativos da mente. De acordo com a Gramática Gerativa, a sintaxe gera sua saída para a semântica, que é um módulo não gerativo responsável apenas pela interpretação da sintaxe. Por outro lado, a Linguística Cognitiva não postula a existência de módulos e, portanto, não estabelece uma hipótese sobre a ordem entre os componentes da gramática (FERRARI, 2011).

Os dados analisados nesse estudo pertencem a duas categorias distintas: por um lado, existem expressões idiomáticas cujo núcleo é o verbo, e por outro lado, existem ditados populares. A questão controversa reside na possibilidade de distinguir claramente essas duas classes. A justificativa para essa distinção está no fato de que o ponto de relevância na interpretação das expressões idiomáticas é a semântica da língua, independentemente de como são utilizadas no discurso. Além disso, pode-se determinar a delimitação máxima possível para a interpretação semântica das expressões idiomáticas, que está dentro do Verbo Predicado, abaixo do agente (MARANTZ, 1997).

Figura 1: Fronteira para a leitura especial em expressões idiomáticas



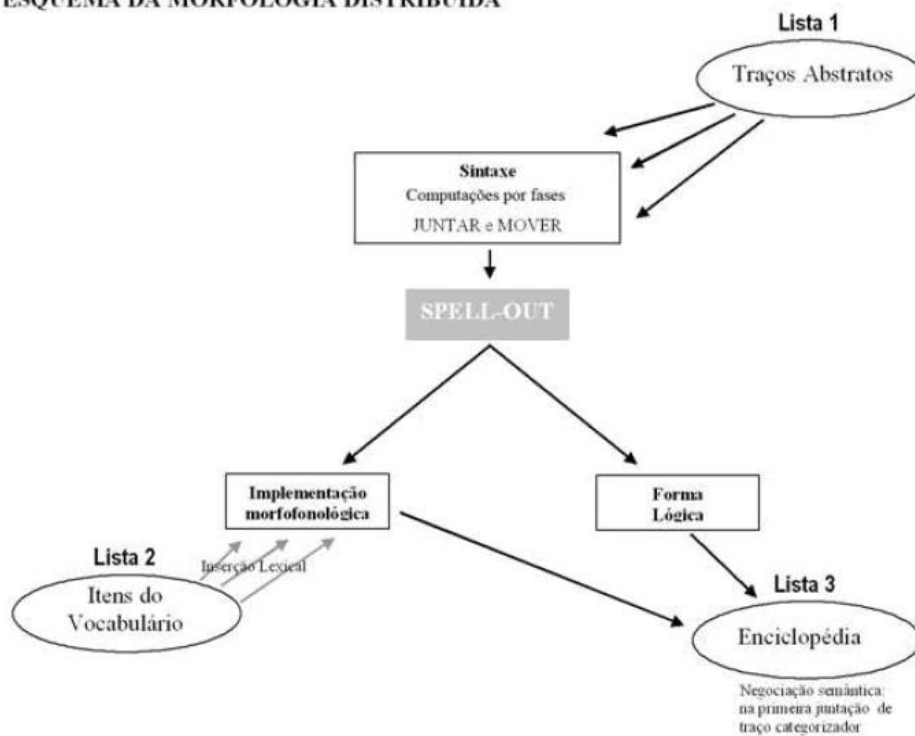
Fonte: MARANTZ (1997)

Em uma sentença com leitura composicional, o agente é sempre interpretado de maneira composicional. Em uma sentença em que o predicado tem uma interpretação idiomática, o agente ainda é interpretado de forma composicional. Em outras palavras, o agente nunca está envolvido no processo de idiomatização. Na Morfologia Distribuída, o

léxico é substituído por listas distribuídas, que são acessadas ao longo do processo de derivação.

Figura 2: Modelo da Morfologia Distribuída.

ESQUEMA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA



Fonte: MARANTZ (1997)

A Lista 1, também conhecida como Traços abstratos, desempenha um papel crucial no sistema computacional, fornecendo as raízes atômicas e morfemas gramaticais abstratos. Os conjuntos de morfemas gramaticais abstratos são determinados pela Gramática Universal, juntamente com princípios específicos de cada língua (MARANTZ, 1997; HARLEY; NOYER, 1999; BORER, 2005).

A Lista 2, denominada Vocabulário, é responsável por fornecer as formas fonológicas para os nós terminais sintáticos. Um debate substancial existe na área linguística sobre a fase da derivação em que a forma fonológica das raízes é inserida, se na Lista 1 ou na Lista 2. A Lista 2 também contém informações cruciais sobre as conexões entre conjuntos de morfemas gramaticais e traços fonológicos, que representam as regras

de inserção. Na competição pela inserção, os itens do Vocabulário são selecionados com base na especificidade dos traços associados ao nó em que serão inseridos.

A Lista 3, conhecida como Enciclopédia, cataloga os significados especiais das raízes em contextos sintáticos específicos, dentro de domínios locais. Embora não seja um componente generativo, como a Lista 2, a Lista 3 pode ser expandida ao longo do tempo.

Os ditados populares, por sua vez, alcançam seus objetivos no domínio pragmático, isto é, quando o leitor os interpreta como conselhos. A gramática da moralidade, exemplificada no quadro 1, busca explicar como esse processo pode ser descrito, de forma análoga à maneira como consideramos a ocorrência na gramática das línguas. Mikhail (2007) apresenta uma arquitetura de input/output para a moralidade, que funciona de forma semelhante à linguagem. Essa concepção embasa o conteúdo dos conselhos derivados dos ditados populares aos quais estamos fazendo referência.

A vertente da Linguística Cognitiva foi estabelecida por linguistas como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, que se originaram dos estudos em Semântica Gerativa. Eles fundaram a Linguística Cognitiva devido à insatisfação com o papel atribuído à Semântica/Pragmática no modelo chomskiano. Enquanto no modelo Gerativo de Gramática, a sintaxe possui o papel gerativo, relegando a semântica à função de leitura e a pragmática a um módulo extralinguístico, os linguistas da Linguística Cognitiva buscaram promover relações mais estreitas entre sintaxe e semântica, dando ao significado um papel central, apesar dos desafios inerentes a essa abordagem (MIKHAIL, 2007).

A Linguística Cognitiva adota uma perspectiva não modular, que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados entre a linguagem e outras capacidades cognitivas. Isso inclui a interação entre os módulos da linguagem, especificamente entre a estrutura linguística e o conteúdo conceptual. Vale ressaltar que, embora a abordagem cognitiva seja predominante, a existência de módulos linguísticos independentes é defendida por alguns pesquisadores, como Teixeira (2022), com base em avanços na psico e neurolinguística que indicam a realidade mental desses módulos e sua atuação isolada.

A distinção fundamental entre o Cognitivismo e os modelos gerativistas se relaciona com a perspectiva modular da cognição amplamente adotada pelo Gerativismo, uma abordagem que não é aplicada à Linguística Cognitiva. Conforme amplamente conhecido, a teoria gerativa postula que o módulo cognitivo da linguagem opera de forma independente de outros módulos cognitivos, como o raciocínio matemático e a percepção visual, entre outros (FODOR, 1983). Além disso, no contexto da linguagem, é enfatizada a supremacia do módulo sintático, que possui princípios intrínsecos e autônomos em relação aos módulos fonológico e semântico (CHOMSKY, 1995). Contrariamente, a Linguística Cognitiva adota uma abordagem não modular, pressupondo a atuação de princípios cognitivos amplos compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, além da interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente entre a estrutura linguística e o conteúdo conceitual (LANGACKER, 1987). Contudo, vale mencionar que evidências científicas provenientes do campo da psico e neurolinguística têm contribuído para atestar a realidade dos módulos linguísticos e sua capacidade de operar de forma independente.

No que diz respeito à concepção de significado, enquanto na teoria gerativa, o significado é entendido como um reflexo direto da realidade, na Linguística Cognitiva, o significado é concebido como uma relação mediada pela cognição entre a palavra e o mundo. Portanto, o significado não se manifesta como um espelho imediato da realidade, mas sim como uma construção cognitiva por meio da qual o mundo é apreendido e vivenciado (LAKOFF, 1987). Nesse contexto, as palavras não contêm significados intrínsecos, mas atuam como guias na construção do sentido. É importante ressaltar que, apesar da existência de uma semântica regular que direciona o significado das palavras, não se pode negligenciar o fato de que uma palavra não pode adquirir qualquer significado, mesmo que pertença a uma extensa família de palavras relacionadas (TALMY, 2000).

Os principais focos de pesquisa na Linguística Cognitiva estão voltados para os fenômenos da semântica e da pragmática, em contraste com qualquer teoria linguística da gramática gerativa, que caracteriza a semântica como uma interpretação de elementos ou construções sintáticas, sem estabelecer um módulo gerativo independente, ao contrário do que ocorre com a sintaxe (GOLDBERG, 1995).



## METODOLOGIA

A análise de expressões e ditados populares é um campo de estudo linguístico e cultural rico e diversificado. Através da metodologia proposta por Goldberg (1995), é possível aprofundar nossa compreensão dessas formas de linguagem que desempenham um papel significativo nas interações cotidianas.

A primeira etapa, conforme Goldberg (1995), envolve a coleta de uma amostra representativa de expressões e ditados populares de fontes diversas, incluindo literatura folclórica, entrevistas com falantes nativos e fontes acadêmicas. A seleção criteriosa da amostra é fundamental para garantir uma análise abrangente.

A análise linguística das expressões é um passo crucial. Isso inclui a desconstrução das expressões em seus componentes sintáticos e semânticos, bem como a identificação de figuras de linguagem, como metáforas e metonímias. A estrutura gramatical e a morfologia das expressões também devem ser examinadas em detalhes.

No entanto, a análise não deve ser restrita apenas ao aspecto linguístico. A contextualização cultural desempenha um papel essencial. É necessário compreender o contexto histórico e cultural em que a expressão se originou e os significados culturais associados a ela.

A investigação semântica, como sugerido por Talmy (2000), é crucial para desvendar os significados das expressões em diferentes contextos. Isso pode envolver entrevistas com falantes nativos para explorar suas interpretações e a consulta a fontes literárias e acadêmicas que discutem o significado e o uso das expressões.

## INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA E AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

A seguir, apresentamos dez exemplos de expressões nucleadas pelo verbo. Todas elas são ambíguas, contendo tanto uma leitura composicional quanto uma leitura idiomática, sendo esta última a que será descrita em detalhes:

i. Catar Coquinho: Esta expressão é utilizada de forma idiomática para indicar o encerramento abrupto de uma interação discursiva. Quando alguém diz "vai catar

coquinho," não está literalmente pedindo que a pessoa vá coletar cocos, mas sim expressando uma forma ríspida de terminar a conversa.

ii. Ta Dando Para Ele: Neste caso, a leitura idiomática indica que a expressão significa "estar tendo relações sexuais." Não se refere literalmente a alguém dando algo a outra pessoa, mas sim a uma atividade íntima.

iii. Ta Cagando Para a Matéria: Aqui, a leitura idiomática se relaciona com a falta de interesse. A expressão não trata de uma pessoa literalmente defecando sobre um assunto, mas sim indicando que ela não está demonstrando interesse ou preocupação com ele.

iv. Lavar a Égua: Esta expressão idiomática significa "dar-se bem em uma tarefa difícil ou jogo." Não envolve a ação literal de lavar um cavalo, mas sim alcançar sucesso em uma atividade desafiadora.

v. Pagar Mico: Quando alguém "pagar mico," não está realizando um pagamento ou transação financeira. A expressão se refere a encontrar-se em uma situação embaraçosa.

vi. Mija no Poste: Essa expressão idiomática não tem a ver com micção literal em um poste. Em vez disso, significa "marcar o território" em um sentido figurado, muitas vezes associado a comportamento dominante.

vii. Pagar o Pato: Quando alguém "paga o pato," não está efetuando um pagamento. Em vez disso, significa "levar a culpa por um erro cometido por outra pessoa."

viii. Quebrar o Galho (a Alguém): Esta expressão não envolve a ação física de quebrar algo. Significa "dar a alguém uma ajuda não prevista," geralmente em uma situação difícil.

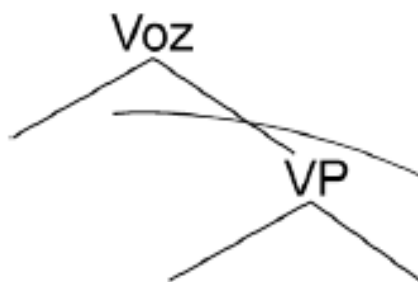
ix. Tomar Chá de Cadeira: Neste caso, a expressão não se refere ao ato de consumir chá em uma cadeira. Em vez disso, significa "esperar longamente por um atendimento."



x. Tocar o Bonde: A leitura idiomática desta expressão não está relacionada a tocar um veículo. Em vez disso, significa "levar adiante uma tarefa" ou prosseguir com uma atividade específica.

A observação de que a leitura idiomática das expressões não deriva diretamente do significado literal de seus componentes individuais, nem mesmo de partes específicas do significado literal, destaca a importância de uma delimitação sintática precisa para descrever expressões idiomáticas. Isso implica que o modelo gramatical deve ser capaz de identificar exatamente o constituinte sintático que receberá a interpretação não composicional.

Essa delimitação sintática precisa é fundamental porque as expressões idiomáticas de todas as línguas do mundo tendem a ocorrer dentro de um domínio sintático específico, excluindo o agente, conforme delineado por Marantz (1997).



É importante salientar que em expressões como “a cobra vai fumar” e “a vaca foi pro brejo,” os sujeitos, como a cobra e a vaca, não são interpretados de forma agentiva, mas sim como temas:

xi. A cobra vai fumar: Esta expressão indica a iminência de um conflito, mas o sujeito "cobra" não desempenha um papel de agente, e sim de tema.

xii. A vaca foi pro brejo: Neste caso, a expressão sugere que um projeto em curso não obteve sucesso, mas o sujeito "vaca" não possui uma interpretação agentiva; ele é tratado como tema.

O aspecto importante a observar nos exemplos de i a x é que qualquer sujeito que seja adicionado a essas expressões sempre manterá uma interpretação autônoma, completamente independente da interpretação idiomática. No entanto, nas expressões xi

e xii, a interpretação inclui necessariamente o sujeito, como “cobra” e “vaca,” com um papel temático obrigatório, mas não agentivo.

A proposta de Marantz (1997) oferece uma explicação para os seguintes fenômenos observados por ele:

a. Não existem expressões idiomáticas com agentes fixos (como em "a vaca foi pro brejo" e "a cobra vai fumar"), pois essas expressões constituem uma small clause, e os sujeitos não são considerados agentes.

b. Não encontramos expressões idiomáticas de passivas eventivas, embora seja possível que ocorram passivas estativas.

c. Expressões idiomáticas que envolvem um morfema causativo e um verbo agentivo subjacente são raras, mas é possível que ocorram expressões idiomáticas com um morfema causativo e um verbo não agentivo subjacente.

Um segundo ponto de relevância diz respeito à natureza arbitrária do significado das expressões idiomáticas. Um exemplo emblemático para ilustrar essa ideia é encontrado no exemplo ii, “chutar o balde.” Na língua inglesa, também existe uma expressão idiomática que, palavra por palavra, é uma tradução literal de “chutar o balde”: “kick the bucket,” que significa “morrer.” Essa comparação entre idiomas fornece um argumento sólido para qualquer modelo teórico de gramática que defenda a arbitrariedade do signo, como é o caso da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997).

No contexto das sentenças de i a xii, a composição do significado ocorre exclusivamente dentro do módulo linguístico, envolvendo os submódulos da sintaxe e da semântica. Questões pragmáticas desempenham um papel secundário nessa interpretação. É importante observar que essa observação pode não ser aplicável quando outros dados são considerados, como veremos na próxima seção.

Portanto, esse aspecto da arbitrariedade do significado nas expressões idiomáticas destaca a complexidade intrínseca desse fenômeno linguístico e demonstra como diferentes idiomas podem apresentar correspondências não literais em suas expressões idiomáticas, o que sustenta a teoria da arbitrariedade do signo na linguística. No entanto, é fundamental reconhecer que a interpretação de expressões idiomáticas pode ser

influenciada por diversos fatores, incluindo contextos pragmáticos específicos, como será discutido na seção seguinte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos por meio da análise das expressões idiomáticas e no desenvolvimento da metodologia empregada, foram traçadas algumas considerações finais que lançam luz sobre a complexidade e a riqueza das expressões linguísticas idiomáticas. Estas considerações finais destacam a importância de compreender a relação entre o significado literal e o significado idiomático nas línguas, bem como a relevância de abordagens metodológicas sólidas para investigar esse fenômeno.

Na análise realizada, observou-se que o significado idiomático muitas vezes não deriva diretamente do significado literal de seus componentes individuais. Pelo contrário, os significados idiomáticos são construídos a partir de convenções culturais e linguísticas que podem ser altamente contextuais. Isso ressalta a necessidade de abordagens linguísticas que vão além do significado literal e considerem as nuances culturais e pragmáticas das expressões idiomáticas.

A metodologia empregada na análise das expressões idiomáticas desempenhou um papel fundamental para desvendar os significados não composicionais. A coleta de uma amostra representativa de expressões idiomáticas, a análise linguística detalhada, a investigação semântica e pragmática, bem como a consideração do contexto cultural, foram passos essenciais para a compreensão abrangente dessas expressões.

Por fim, as considerações finais ressaltam a necessidade contínua de explorar e documentar as expressões idiomáticas em diversas línguas e culturas. Cada língua possui seu próprio conjunto de expressões idiomáticas que refletem sua história, tradições e modos de pensamento. A compreensão dessas expressões não apenas enriquece o conhecimento linguístico, mas também permite apreciar a riqueza da diversidade cultural e como a linguagem reflete essa diversidade.

Em conclusão, a análise das expressões idiomáticas e a metodologia desenvolvida proporcionam uma base sólida para a pesquisa contínua nesse campo. A compreensão das nuances entre o significado literal e o significado idiomático é crucial para a comunicação

eficaz em diferentes contextos culturais e linguísticos. Essa pesquisa contribui para a apreciação da complexidade da linguagem e da cultura, enriquecendo assim o entendimento do mundo que nos rodeia.

## REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. MIT Press, 1995. Disponível em:<  
<https://www.jstor.org/stable/415885> >. Acessado em 17 setembro 2023
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford University Press, 2001. Disponível em:<  
<https://academic.oup.com/book/32815>>. Acessado em 17 setembro 2023
- FERRARI, M. **Current perspectives on post systems: a literature review**. Australian dental journal, v. 56, p. 77-83, 2011. Disponível em:<  
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1834-7819.2010.01298.x>>. Acessado em 17 setembro 2023
- FODOR, J. A. **The Modularity of Mind**. MIT Press, 1983. Disponível em:  
<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=0vg0AwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP8&dq=FODOR,+Jerry+A.+The+Modularity+of+Mind&ots=IwLuYYWOnA&sig=Rn6huUedwZUu2oQ0cGIgd4gnXfs>. Acessado em 17 setembro 2023.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. University of Chicago Press, 1995. Disponível em:<  
<https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/C/bo3683810.html>>. Acessado em 17 setembro 2023
- LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind**. University of Chicago Press, 1987. Disponível em:<  
<https://lecturayescrituraunrn.files.wordpress.com/2017/03/unidad-5-lakoff-women-fire-and-danger.pdf>>. Acessado em 17 setembro 2023
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford University Press, 1987. Disponível em:<  
[https://scholar.google.com.br/scholar?q=LANGACKER,+Ronald+W.+Foundations+of+Cognitive+Grammar:+Theoretical+Prerequisites.+Stanford+University+Press,&hl=ptBR&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholart](https://scholar.google.com.br/scholar?q=LANGACKER,+Ronald+W.+Foundations+of+Cognitive+Grammar:+Theoretical+Prerequisites.+Stanford+University+Press,&hl=ptBR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart)>. Acessado em 17 setembro 2023
- MARANTZ, A. **No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon**. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. [et al.] (eds.). University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, v. 04, n. 02, *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, 1997, p. 201-225. Disponível em:<  
<http://tscheer.free.fr/interface/Marantz%201997%20-%20No%20escape%20from%20syntax%20-%20don't%20try%20to%20do%20morphological%20analysis%20in%20the%20privacy%20of%20your%20own%20lexicon.pdf> >. Acessado em 17 setembro 2023

MARQUES, F. M. da C. **As Disputas entre Ortodoxos e Heterodoxos: O que é (e o que não é) Economia.** Dados - Revista de Ciências Sociais, [S.l.], v. 67, n. 02, p. 318, 2024. DOI: 10.1590/dados.2024.67.2.318. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dados/a/wydvF939TQ9Tnkv8BT4PGQs/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em 17 setembro 2023

MIKHAIL, J. **Gramática moral universal: teoria, evidências e o futuro.** Tendências nas ciências cognitivas, v. 11, n. 04, pág. 143-152, 2007.. Disponível em: <[https://www.cell.com/trends/cognitive-sciences/fulltext/S1364-6613\(07\)00049-6](https://www.cell.com/trends/cognitive-sciences/fulltext/S1364-6613(07)00049-6)>. Acessado em 17 setembro 2023

OUSA, E. L. de. **As casas, as estradas e os cercados: o sítio camponês a partir das classificações das crianças Capuxu.** Revista de Economia e Sociologia Rural, [S.l.], v. 60, n. 01, p. e269304, 2024. DOI: 10.1590/1806-9479.2022.269304pt. Disponível em: Disponível em: <>. Acessado em 17 setembro 2023

RIFFEL, R. et al. **A educação e a indústria do vestuário no nordeste catarinense: do aprendizado informal ao ensino profissionalizante.** Ensinar Moda, [S.l.], v. 07, n. 01, p. e2917, 2023. DOI: 10.5965/25944630712023e2917. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/22917>>. Acessado em 17 setembro 2023

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics: Typology and Process in Concept Structuring.** MIT Press, 2000. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?q=TALMY,+Leonard.+Toward+a+Cognitive+Semantics:+Typology+and+Process+in+Concept+Structuring.+MIT+Press,&hl=pt-BR&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholart](https://scholar.google.com.br/scholar?q=TALMY,+Leonard.+Toward+a+Cognitive+Semantics:+Typology+and+Process+in+Concept+Structuring.+MIT+Press,&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart)>. Acessado em 17 setembro 2023

TEIXEIRA, A. L. R. et al. **Desenvolvimento de módulo de recursos lexicogramaticais baseado em regras para realização superficial em tarefas de geração de língua natural em português brasileiro.** 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/44448>. Acessado em 17 setembro 2023.

Submissão: maio de 2023. Aceite: junho de 2023. Publicação: agosto de 2023.